



e-Spania

Revue interdisciplinaire d'études hispaniques
médiévales et modernes

25 | 2016

Crónica de 1344 / Les ports de la monarchie espagnole
– Amérique / Semblanzas de los conquistadores

Tráfico de modelos narrativos entre a *Crónica de Castela* e a *Crónica de 1344*: evidências, possibilidades e questões

Isabel de Barros Dias



Édition électronique

URL : <http://e-spania.revues.org/25855>

ISBN : 978-2-919448-98-2

ISSN : 1951-6169

Éditeur

Civilisations et Littératures d'Espagne et
d'Amérique du Moyen Âge aux Lumières
(CLEA) - Paris Sorbonne

Référence électronique

Isabel de Barros Dias, « Tráfico de modelos narrativos entre a *Crónica de Castela* e a *Crónica de 1344*: evidências, possibilidades e questões », *e-Spania* [Online], 25 | octobre 2016, posto online no dia 01 Outubro 2016, consultado o 03 Novembro 2016. URL : <http://e-spania.revues.org/25855> ; DOI : 10.4000/e-spania.25855

Ce document a été généré automatiquement le 3 novembre 2016.



Les contenus de la revue *e-Spania* sont mis à disposition selon les termes de la Licence Creative Commons Attribution - Pas d'Utilisation Commerciale - Pas de Modification 4.0 International.

Tráfico de modelos narrativos entre a *Crónica de Castela* e a *Crónica de 1344*: evidências, possibilidades e questões

Isabel de Barros Dias

- 1 As relações entre a *Crónica de Castela* e a *Crónica de 1344* já foram determinadas, em grande parte, quando Lindley Cintra estabeleceu a filiação desta última relativamente ao texto castelhano. No seu trabalho monumental, publicado em 1951, o panorama das relações entre diversas crónicas foi reconstruído, renovando-se assim o mapa previamente delineado por Menéndez Pidal que, no caso específico destas duas crónicas, começou por considerar que a obra castelhana seria subsidiária da portuguesa¹. Cintra demonstrou o contrário, verificando que, apesar de algumas divergências pontuais, do reinado de Fernando I em diante, todas as interpolações existentes na *Crónica de Castela* passaram para o texto da *Crónica de 1344*². O uso do texto castelhano como fonte é verificado na primeira redação da crónica portuguesa e, uma vez terminado o texto conhecido desta versão, continua a ser aparente na segunda redação, de cuja prosa são também extraídos exemplos para comprovar a relação entre as duas obras³.
- 2 Esta filiação foi escapelizada por Lindley Cintra de forma minuciosa e a vários níveis. Foram identificadas coincidências de passagens e episódios exclusivos deste ramo, alguns dos quais presentes na *Crónica de 1344* e no *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, como a genealogia do Cid⁴, as Mocidades de Rodrigo⁵ e algumas informações respeitantes aos reinados de Afonso VIII e Henrique I⁶. Da história de Fernando I em diante, momento a partir do qual a *Crónica de Castela* terá sido a fonte principal da *Crónica de 1344*, as coincidências de episódios apontadas por Cintra são, de facto, muitíssimas⁷. É ainda levado a cabo um trabalho comparativo entre a *Crónica de 1344* e outra obra do ocidente peninsular que também é testemunho da *Crónica de Castela*, a *Tradução galega*, sendo identificadas semelhanças de vária ordem, quer no que se refere aos blocos constitutivos

e sua organização, como aos nomes próprios referidos e mesmo à estrutura das frases utilizadas⁸.

- 3 Contrariamente à questão da filiação textual (que foi provada de modo tão evidente por Cintra que as conclusões a que chegou foram e continuam a ser aceites sem oposição), o problema do modo como a transmissão textual se verificou e suas etapas já não tem sido matéria tão pacífica. Cintra sugeriu que o compilador da *Crónica de 1344* teria usado uma versão de uma crónica que seria «formada, na *Terceira Parte*, por uma transcrição da *Primeira Crónica* e, na *Quarta*, pela chamada *Crónica de Castela* - aquela a que chamámos *Variante Ampliada da Crónica afonsina*»⁹. Considera ainda que o teor do texto cuja existência conjectura seria muito semelhante ao dos manuscritos atualmente conhecidos como *Tradução galega* pois, apesar de nenhum dos dois exemplares conhecidos desta obra ser fonte direta da crónica portuguesa¹⁰, não deixam de ser notórias as coincidências que se verificam no seio deste ramo específico do ocidente peninsular.
- 4 Pouco mais tarde, Diego Catalán estuda o códice 8817 da *Tradução galega*, demonstrando tratar-se de um manuscrito composto por blocos de origens diversas¹¹ o que, como posteriormente Ramón Lorenzo sublinha, contraria a hipótese da existência de uma «variante ampliada»¹². Mais recentemente, a pesquisa desenvolvida por Patrícia Rochwert-Zuili sobre a *Crónica de Castela*, na qual é destacada a ligação deste texto a Maria de Molina e à sua corte¹³, onde o conde de Barcelos terá vivido durante o seu exílio em Castela¹⁴, veio acentuar a possibilidade de o conde português ter tido conhecimento desta crónica nesse período da sua vida, mas não resolve a questão de saber se usou um texto em castelhano, ou se o mandou traduzir e em que termos se deu essa tradução¹⁵, questões essas oportunamente retomadas e discutidas por José Carlos Miranda e Maria do Rosário Ferreira, que apresentaram propostas de resposta bastante lógicas e articuladas¹⁶.
- 5 Para além das áreas de pesquisa já referidas, um terceiro campo de investigação que, até ao momento, não tem recebido muita atenção por parte da crítica é o da possibilidade da existência de coincidências que não se enquadram no uso mais objetivo da *Crónica de Castela* pela *Crónica de 1344*, enquanto fonte (o que Lindley Cintra já estudou de modo exaustivo). Referimo-nos a um tipo de relacionamento textual mais fluído e que podemos designar como «influência» ou «inspiração» de modelos narrativos, ou seja, para além da *Crónica de Castela* ter sido usada como fonte, a possibilidade de esta poder ter também influenciado, em alguma medida, os redatores da *Crónica de 1344* quando estes tiveram de compor outras passagens¹⁷, nomeadamente na história dos Reis de Portugal.
- 6 O primeiro exemplo do tipo de influência sobre o qual nos iremos debruçar consiste numa passagem das «Mocidades de Rodrigo», um relato recolhido pela *Crónica de Castela*, que nos refere o seguinte:

Et el papa enbió estonçes amonestar al rey que conosçiesse señorío al enperador, si non, que enbiaría cruzada sobr'él. Et sobre esto enbiáronle desaffiar el enperador e el rey de França, e todos los otros reys.

*Et el rey don Fernando, quando vio las cartas, fue mucho espantado, porque entendía que podría ende nasçer muy grand daño a Castilla e a León si esto passasse. Et ouo su conssejo con todos sus omnes honrrados. Et ellos, veyendo el grand poder de la Iglesia et otrosí el grande daño que nasçería si Castilla e León fuessen tributarios, non sabían qué conssejo le diessen; pero al cabo conssejáronle que fuesse obediente al mandamiento del papa*¹⁸.
- 7 O episódio prossegue e, um pouco adiante, encontramos o seguinte:

Cuenta la estoria que el rey don Fernando mandó fazer sus cartas en que enbió pedir merçed al papa que non quisiessse contra él mouer sin razón, ca España fuera conquerida por los que en ella morauan e por mucha sangre que fuera vertida por sus antecessores, et non eran

tributarios nin lo serían por ninguna manera ellos, ca antes tomarían muerte; e otrosí sus cartas al enperador e a los otros, en que les enbiaua dezir que bien sabían que le demandauan tuerto e mal escatima, non auiendo sobr'él ninguna jurisdicción nin demanda de derecho, et que les rogaua que le dexassen fazer su guerra a los enemigos de la fe, et si ál querían dezir contra él, que les tornaua hamistad e que les desaffiaua, et que allá adonde todos estauan, lo quería yr ver¹⁹.

- 8 Finalmente, dá-se a vitória de Rodrigo sobre o Imperador e seus aliados:

[...] Llegáronle estas cartas, et él ouo su conssejo con el Çid et con sus omnes buenos, [e consejáronle enbiar allá dos omnes] que dixiessen al papa que le enbiasse vn cardenal con tal poder que pudiese afirmar con él que nunca jamás fuesse otro pleyto remouido a España, so muy grande pena cierta, et otrosí que viniessen ende perssonas del enperador e de los otros reys con todo poder para afirmar todo esto. E entretanto fincaron allí, e si non viniessen o non enbiasen, que ellos yrían buscar dónde estauan. E con este acuerdo enbiaron al conde don Rodrigo et a Álvar Hañes Minaya, et a otros omnes buenos letrados.

Et quando llegaron al papa et le dieron las cartas, fue mucho espantado, et ouo su conssejo con todos los omnes honrrados del conçilio cómo farían. Et ellos respondiéronle que le fiziesse lo que quería, que ninguno non lidiaría con él ante la buenaventura del Çid su vassallo. Et estonçes el papa enbió con todo su poder conplido a Miçer Ruberte, cardenal de Albina, et vinieron ende las perssonas del enperador e de los otros reys, e afirmaron su pleyto muy bien que nunca jamás tal pleito fuesse demandado al rey de España. Et las cartas que sobre esto fueron fechas, e roboradas del papa e del enperador, e de todos los otros reys que ende eran, e selladas con sus sellos²⁰.

- 9 O episódio é composto pelos seguintes tópicos principais: a reclamação de uma sujeição; a oposição de um imperador e de um papa (favoráveis à imposição da sujeição); a contestação da sujeição/tributo com base no argumento do direito de conquista; o envio de um cardeal com poder de ação; uma vez derrotados ou submetidos o imperador e o papa, o cumprimento, por parte do papa, da exigência de um compromisso escrito. Curiosamente, encontramos os mesmos tópicos em duas passagens da história de D. Afonso Henriques. A primeira consiste no ataque do primo, o Imperador Afonso VII, e respetiva derrota:

E a cabo de pouco tempo, stando o emperador ã Tolledo e doendosse do mal e desonrra que recebera do pryncipe e teendo que toda Espanha lhe devya de conhecer senhorio, fallou cõ todos seus ricos homens ã grande segredo como queria hir sobre o principe e ajuntou grandes conpanhas e foyse a Galiza, nõ dando a entender o que queria fazer. E entrou ã Portugal assy de sospeita que çercou o principe ã Guimarãaes

[...]

- Senhor, a que veestes aquy?

E elle lhe disse que por tomar seu primo por que lhe nom conheçia senhorio²¹.

- 10 A segunda passagem ocorre um pouco adiante, a história do Bispo Negro, com a consequente oposição do Papa, agora em duas versões²²:

IV Crónica Breve	Crónica de 1344 (2ª red.)
E disserom Senhor aquy vos uem hum cardeal de Roma porque sodes mizerado com o Papa <de> por este bispo que asi fezestes. [...]	E foy dito a el rey dom Affonso: - Senhor, ex aquy vem hũu cardeal que vem a vos de Roma por que sooes mizcrado cõ o Papa por este bispo que fezestes. [...]
E o cardeal lhe disse Rey nom me façades mal. E quall preito vos quiserdes tal <preito> porei conuosco. ElRey disse estonçe pois quero que em todos meus dias nom seja Purtugall escumungado. E que nom leuedes daqui ou<ro> nem prata nem bestas ssenom tres. E estonçe lhe filhou quanto auer lhe ahi achou. E ouro e prata e todallas bestas senom tres. E disse ElRey - esto quero de uos em seruicom. E disse ElRey ao cardeal quero de uos que me emviades carta de Rroma que nunca Purtugall seja escumungado em todos meus dias que eu ho gaanhei com esta mjnha espada. E quero que me leixees aquele uosso sobrinho filho de uossa jmaã em penhor ataa que seja aqui a carta. E sse a quatro messes aquy nom for a carta <aqua> que eu talhe a cabeça a uosso sobrinho. E ueo lhe a carta aos quatro messes. E des ali adiante elle foy bispo e arcebispo. E en todos seus dias nem hum nom fez al em toda ssa terra senom o que elle quis. (IVCr.Br. p. 142-143)	- E o cardeal, quando se vyo em tal medo, disse a el rey: - Senhor, non me matees, ca eu farey qual preito vos quiserdes. E el rey lhe disse: - Pois quero que Portugal em todos meus dias nõ seja escomũgado e que non levees daquy ouro nõ prata nõ bestas senõ tres. E esto quero de vós en serviço. E desy quero que me mãdees de Roma hũu carta que nũca Portugal nõ eu sejam escomũgados en todos os meus dias, ca eu o gaanhey com esta minha espada. E pera esto quero que me leixees aquy este vosso sobrynho em penhor ataa que me mandees a carta. E, se ataa IIII meses me non mãdaaes a carta, eu cortarey a cabeça a vosso sobrinho. E o cardeal outorgou todo o que el rey quis e desy foisse sua vya. E, ante que os IIII meses fossem conpridos, lhe veo a carta. E, des ally en diante, fez el rey dõ Affonso en toda sua terra arcebispos e bispos e beneficiados quaaes elle quis. (1344b, IV: 226 e 228-229)

- 11 Os trechos da *Crónica de Castela* não foram a fonte dos episódios do pedido de tributo a Afonso Henriques por parte de Afonso VII, nem do episódio do bispo negro. Porém, é evidente a recorrência dos mesmos motivos: uma reclamação de sujeição; um rei que tem de fazer face à oposição de um imperador e de um papa; o envio de um cardeal para verificar uma situação duvidosa; o recurso ao argumento da legitimidade da conquista como garante da posse de um território; e, finalmente, após a derrota e submissão dos opositores, a exigência de cartas que garantam o cumprimento do acordo alcançado.
- 12 Por outro lado, não podemos obviamente descartar o facto da *Crónica de Castela* não ser a única possibilidade de inspiração da passagem da história de Afonso Henriques. Os textos portugueses poderiam ter-se inspirado a montante, num exemplar do «Cantar das Mocedades de Rodrigo», que poderiam conhecer²³. A contaminação poderia também ter ocorrido ainda no nível anterior, ou seja, entre os dois cantares de gesta («Mocedades de Rodrigo» e «Gesta de Afonso Henriques»), atualmente perdidos, mas cuja existência se deduz graças ao facto de, em tempo, terem sido acolhidos pelas crónicas castelhanas e portuguesas. Finalmente, estes mesmos cantares também poderão ter absorvido os motivos em causa de modo independente²⁴. Assim, o que podemos sugerir é que a *Crónica de Castela* poderá ter desempenhado um papel de reforço no processo de integração daqueles *topoi* na história do primeiro rei português.
- 13 A circulação e permanente contaminação dos mais variados textos com determinados *topoi* é do conhecimento geral e a sua ocorrência em textos medievais de vários tipos e, especialmente, em textos da tradição oral exemplifica amplamente este processo. A este respeito, podemos recordar as longas listas dos motivos identificados por Aarne-Thompson-Uther, os estudos de Propp sobre as recorrências estruturais dos contos tradicionais e ainda a noção de «lenda migratória» proposta por Reidar Christiansen²⁵. Especialmente este último conceito adequa-se particularmente bem ao fenómeno da recorrência de certas pequenas histórias e tópicos, no período medieval, notado por

vários investigadores²⁶. Por outro lado, o argumento do direito à posse territorial por conquista era um dos argumentos mais fortes de legitimação dos reis peninsulares, usado até à exaustão por letrados²⁷. Por conseguinte, também é possível defender que o recurso a este argumento não será surpreendente. No entanto, e independentemente destas várias possibilidades alternativas, que não devem ser esquecidas, pensamos que é igualmente fundamental não excluir a possibilidade da absorção de *topoi* via fontes escritas, eventualmente cronísticas, modelos estes que provavelmente seriam fortalecidos sempre que os mesmos motivos também ocorressem em outros relatos, onde se inclui a tradição oral. Com efeito, desde os trabalhos fundamentais de Paul Zumthor²⁸, não podemos ignorar a força e a onnipresença da oralidade e da tradição no período medieval.

- 14 Estamos assim numa área onde múltiplas influências podem ser identificadas. Porém, mais do que optar por um processo de exclusão de possibilidades, devemos pensar em termos de acumulação de vias, como fator de incremento da possibilidade de utilização de determinados motivos, como modelos narrativos, pelos redatores de crónicas (ou quaisquer outros autores) nos momentos em que tinham de redigir um relato. Tratar-se-á de um processo semelhante ao que se conhece como *acumulatio Auctoritas*, ou seja, uma informação é considerada tanto mais verdadeira quanto mais autores dignos de crédito a referirem. Do mesmo modo, um modelo narrativo muito usado, em relatos de vários tipos, terá muito mais probabilidades de ser adotado na redação de um novo texto, ou inserido num texto que se copia ou que se redige de memória e se adapta²⁹. Este fenómeno também se articula e ajuda a explicar determinadas situações recorrentes, como a existência de «tiques» de chancelaria na historiografia quando o redator teve um percurso prévio numa chancelaria³⁰, ou a contaminação de textos historiográficos por motivos hagiográficos em autores monásticos que redigiram historiografia³¹.

- 15 Um segundo exemplo do tipo de influência que aqui nos ocupa ocorre no período das lutas fraticidas, aquando da segunda batalha de Sancho contra Afonso, quando o Cid não está presente e Sancho é derrotado:

Et ayuntáronse a esta lid çerca del río de Carrión, e lidiaron e murieron muchos de la vna parte e de la otra, e fue vertida ende mucha sangre. E fue vençido el rey don Sancho et començosse de yr de la batalla. Et el rey don Alfonsso tomóle piadad de los christianos e mandó que los non matassen.

Et a esta lid non se açertó el muy noble e honrrado Çid. Et yendo su señor fuyendo e vençido, vio venir la seña del Çid, que se venía para la lid. Et quando el Çid llegó et falló su señor vençido, pesóle mucho, pero començóle de esforçar muy bien diziéndole:

— Señor, non dedes por esto nada, ca caer e leuantar, todo es en Dios. Et señor, fazed coger la gente que venié fuyendo a vós e fablad con ellos conortándolos mucho. Et señor, cras a la mañana, dad tornada al campo; et ellos están ya commo seguros por la buena andança que auía auida, et demás los gallegos e los leoneses son omnes de grand palabra, e estarán agora con el rey don Alfonsso su señor alabándose mucho de lo que han fecho, ca son muy chuffadores, que dizen más que deuen, ca son muy escarnidores. Et si Dios por bien tuuiere, el plazer de oy tornárseles ha en pesar, que todo el poder es en Él para lo cunplir, si su voluntad fuere. Et señor, d'esta guisa podredes cobrar honrra³².

- 16 A passagem semelhante na história de Afonso Henriques verifica-se quando o jovem príncipe é derrotado pelo padrasto e, quando foge da lide, encontra Egas Moniz (ou Soeiro Mendes, consoante as versões), que o encoraja a voltar à lide, que então vence:

IV Crónica Breve	Livro de Linhagens	Crónica de 1344 (2ª redação)
A fazenda foi fecta. E foi arinquado Afonso Anriquez. E foi muy maltreiro. E el indo a huã legoa de Guimaraes achou-se com Soeiro Meendez maaos dagea que o vijnha ajudar ena fazenda. E disselle como vijnhes Senhor asi. Respondeo Affonso Enriquez venho muy mall ca me arrinquou meu padraço e mjna madre que esta na fazenda com elle. E Soeiro Meendez lhe disse nom fezeastes siso que aa batalha fostes sem mjm mais tornadeuos comjgo. E prenderemos uosso padraço e uossa madre co elle e ell disse Deus agisse que seia assim. E Soeiro Mendez lhe disse vos verees que assi seera. E tornouse entonçes com ell <a Bragaa> a batalha. E uençeo E predeu seu padraço. E sua madre. (IVCr.Br: p. 141)	A fazenda foi feita em Guimarães, e foi arrancado Afonso Anriquez e muy maltreiro. E el, indo ãa legoa de Guimarães achou-se com Soeiro Meendez, que o viinha ajudar, e disse: «Como viindes assi, senhor?». Respondeo entom Afonso Anriquez: «Venho muy mal, ca me arrancou meu padraço e minha madre, que estava com ele na az». E o Soeiro Meendez lhe disse: «Nom fezeastes siso que aa batalha fostes sem mim. Mais torne-vos come de cabo aa fazenda, e eu irei convosco, e prenderemos vosso padraço e vossa madre com el». E disse Afonso Anriquez: «Deus mande que assi seja». E dom Soeiro Meendez lhe disse: «Vós veredes que assi será». e torn[ou]-se com ele aa batalha, e predeu seu padraço e sa madre. (LLCDP: título 7 - p. 125)	E foy feita a batalha e o principe foy arrancado do campo e, hyndo fugindo a hã legoa de Guymaraes, encontrou dõ Egas Muniz que viinha ã sua ajuda. E, quando o vyo assy vñr, disselle: - Que he esto, senhor? Como viindes assy? E elle disselle: - Venho muy maltreyto, ca me arrancou do campo meu padraço e minha madre que viinha com elle na az. E entom lhe disse dom Egas Moniz: - Recolhee toda a gente que vem fugindo e tomaremos aa batalha e prenderemos vosso padraço e vossa madre. E entom tomarõ aa batalha e vencerõna e prenderõ o conde e sua madre. (1344b, IV: 217)

- 17 Tal como no exemplo anterior, um episódio não é fonte do outro. Mas, também aqui, reencontramos os mesmos motivos: um príncipe inexperiente enceta um combate sem esperar pelo guerreiro “mentor”, é derrotado, foge, na fuga encontra esse guerreiro (herói, amo, aio, pai espiritual, consoante os casos), volta ao combate com este, e vence os seus adversários³³. Finalmente, é ainda verdade que, também este, é um tipo de relato que se adequa a um conto tradicional, a uma lenda, ou a uma narrativa épica...
- 18 Um terceiro exemplo deste tipo de procedimento associa a *Crónica de Castela* a outros textos historiográficos castelhanos que a antecederam. Este caso mostra-nos como a trasfega de motivos a que nos referimos se dá em múltiplas direções. Trata-se do episódio de Dominguelho, reportado na *Crónica de Castela*³⁴. A estratégia que Dominguelho põe em prática para o seu rei Afonso VIII ganhar Zorita é, nos seus traços gerais, idêntica à que Velido Dolfos usou contra Sancho II no cerco de Zamora. A história de Dominguelho diferencia-se na medida em que a sua ação não desencadeia desafios por traição. No entanto, os procedimentos são similares, o que permite colocar a hipótese da memória da história de Velido Dolfos (recordação do relato cronístico ou de outro, mas não se podendo descartar a possibilidade da influência do relato cronístico) ter desempenhado um papel, enquanto modelo narrativo, aquando da redação do episódio.
- 19 Outra questão que a reflexão sobre este tipo de influências pode suscitar consiste na possibilidade de um modelo de atuação específico ser de tal modo conhecido que um determinado indivíduo, encontrando-se numa situação semelhante, possa decidir pô-lo em prática. Este tipo de situação configura uma convergência entre modelos narrativos e modelos de comportamento, à semelhança do já prescrito por Cícero - *historia magistra vitae* -, o que é um tema fascinante pois frequentemente é impossível determinar se um cronista relata um facto de determinada maneira porque este terá ocorrido dessa maneira ou se decidiu reportar um comportamento concreto de acordo com os modelos narrativos

que já conhecia, ou ainda se o protagonista da ação relatada agiu de acordo com modelos comportamentais absorvidos graças a narrativas escutadas ou lidas³⁵.

- 20 O último exemplo de «semelhanças» entre a *Crónica de Castela* e a *Crónica de 1344* que apresentamos é também o mais interessante, porque mais problemático, pelas dúvidas que pode suscitar relativamente à direção ou direções em que poderá ter havido influências. Trata-se da descrição de uma incursão em Córdoba, em tempos de Fernando III:

E cuenta la estoria que Córdoua era çibdat rreal, commo madre de las otras çibdades del Andaluzía, e el rrey don Fernando, andando por el reyno de León fazendo justiçia e buen paramiento del reyno, ovo de venir a la villa de Benaunte. E en aquel tienpo christianos avía en la frontera —caualleros fijosdalgo andaluzes e almogáraues a cauallo e a pie— e ayuntáronse en Andújar, que era de christianos, e fezieron su cavalgada contra Córdoua, e captiuaron moros que avían guareçido con sus mayores; e de aquéllos ovieron lengua çierta en cómmo la çibdat de Córdoua estaua muy assesegada e se non velaua nin se guardaua, por miedo que oviesen de christianos, e que les faría aver vn andamio. E señalaron cómmo foracarían el arraua que dizen en aráuigo en Córdoua «el Exerquia», e tenían que ssy aquello podiesen aver, que por aquello podrían aver todo lo ál bien commo se acaeçió. E ellos acordaron de lo fazer. E dessý fablaron cómmo feziesen las escaleras, e señalaron de quál manera para las torres [e] para el muro. E cataron vna noche en que feziere fuerte tienpo e que feziere escuro, por que más encobierto lo podiessen fazer. E esta fabla asesega [da] e de cómmo se feçiesse, metieron en ella a Pero Rruyz Tafur e a Martín Rruyz Dorget. E enbiaron con su mandado de acuerdo que avían tomado a don Pero Rruyz e a don Áluar Pérez, su hermano, que estauan en Martos, e enbiáronle dezir quál noche lo avían de fazer e él que estudiese presto con su conpañia para acorrerlos, quando menester les fuesse.

E entretanto que don Pero Martínez yva a Áluar Pérez e a su hermano, allegaron ellos quanta gente podieron aver, e guisaron sus escaleras aquella noche, que possyeron e llegaron al pie del muro. E esto fue a ocho días por andar de enero. E catauan sy velauan los moros las torres e el muro, e non oyeron boz ninguna de velar, ca dormían todos, e tenía los pressos la fortaleça del sueño, e andaron en derredor de las torres e del muro. E estando los christianos allý, fabláronse e dixieron:

—¿Qué faremos?

E Diego Moñoz, el adalit, les dixo

—El mi consejo es éste: que pues aquí estamos, que fagamos la señal de la cruz e que nos acomendemos a Dios e a santa María e al apóstol señor Santiago, e pugnemos de acabar esto, porque venimos aquí en seruicio de Dios. E si non pudiéremos echar las escaleras de cuerda, echaremos ésta de madera e punemos de sobir por ellas. E sean los mejores algarauizados que fueren entre nós, e vayan vestidos commo moros, por tal que sy se fallaren con los moros, que los non conoscan e que cuyden que son moros commo ellos; e éstos punen de se apoderar de la primera torre que fallaren fasta que la gente suba.

E este consejo que Diego Moñós les dixo, todos lo tovieron por bueno e feziéronlo ansý. E probaron tres escaleras de fuste e falláronlas cortas, e dessý ataron la vna con la otra. E los primeros christianos algarauianos que por ellos sobieron fueron Áluar Colodro e Benito de Baños, e después los otros que yvan con ellos. E éstos yvan vestidos commo moros, e tomaron vna torre a la qual llaman oy en día la torre de Áluar Colodro, e fallaron en ella quatro moros que yazían dormiendo; e el vno d'ellos era de los que fueron en el consejo. E despertaron, e dixiéronles que qué andauan buscando. E ellos les rrespondieron en arávigo que eran las sobrevelas que andauan catando las velas. E aquel moro de que vos ya dixiemos conosçió en la palabra al (sic) Áluar Colodro e preguntó'l quedo, e apretóle la mano con la suya e díxole al oreja:

—Yo soy de aquéllos que tú sabes, puna de vengarte de estos otros e yo te ayudaré.

E dessý tomaronlos e atáronlos las manos, e echáronlos de la torre ayuso, e los christianos que estauan ayuso matáronlos. E estonçe començaron los christianos a subir a grant priessa, e desdeque vieron que era la mayor partida d'ellos en la torre, fuéronse por el muro ayuso ganando quantas torres y avía contra la puerta de Martos fasta que ganaron esta puerta. E quando vino al alua del día, todos los christianos eran ya apoderados de las torres e del muro

*e del arrauval que dizen el Exerquia con aquella puerta. E entró por ella Pero Rruyz Tafur con otros cavalleros que y estauan. E los moros, en que los vieron assý apoderados de aquel arrauval del Exerquia, ovieron de desanparar las casas e de fuyr con quanto tenían para dentro a la villa*³⁶.

- 21 Este relato integra a edição de Rochwert-Zuili da *Crónica de Castela*. Porém, na *Tradução Galega* (cap. 548, p. 806-808) a passagem já se encontra na parte que, segundo o editor, Ramón Lorenzo, traduz a *Crónica Particular de San Fernando* - que, segundo Patricia Rochwert-Zuili poderá ter sido um texto concebido como continuação da *Crónica de Castela*³⁷ e que conta a história de modo semelhante. Na segunda redação da *Crónica de 1344*³⁸ há algumas diferenças de detalhe, alguns momentos mais abreviados mas, na essência, mantêm-se os diferentes episódios desta conquista.

- 22 O relato apresenta vários pontos de semelhança com a história da conquista de Santarém que encontramos na segunda redação da *Crónica de 1344*:

E, en stando hy, veolhe em mentes de tomar Santarem. E entom cavalgou com todos seus cavalleiros e foisse ao Arnado e apartou cõsigo dom Lourço Veegas e dom Gonçalo de Sousa e dom Pero Paaez, o alferez, e outros dous cavaleiros, mas a estoria não devisa aquy os nomes delles. E contoulhes como avya en coração de tomar Santarem se o podesse fazer. E elles fallarõ en ello de muytas maneyras. Mas, em fim, acordarõse todos com el rey que a poderiã furtar se posessem seu feito em boo regimento. E, despois que fezeran seu acordo, tornousse el rey pera seus paaços [...]

Logo a poucos dias que este acordo foy feito, partyosse el rey dom Affonso de Coimbra pera Santarê o mais ãcubertamente que pode e per os mais descaados logares que soube. E chegou hy a VIII dias de Mayo, em dia de Sam Migueel, era de mil e [...] anos. E poserom de noyte suas escaadas no muro de guysa que furtarom ha hũa vela. E o primeiro que entrou dentro pella escaada foy hũu cavaleiro que avya nome Mõe Muniz, e era irmão meor de dõ Egas Muniz que a esta sazom ja era morto, ca morrera no caminho ante que fosse feita a lide d'Ourique. Este Mõe Muniz era muy ardido cavaleiro e sabia bem fallar aravya e era chamado de Candarey. E o segundo que foy enpos elle foy dõ Pero Affonso, filho del rey de gaaça. E o terceiro foy dõ Pero Paaez, o alferez.

E, despois que todos tres foram ã cima do muro, poseronsse dhũa parte dõ Pero Affonso e dõ Pedro Paaez e da outra dõ Mõe Muniz. E a vela que stava ã cima do caramãchom, quando sentyo Mõe Muniz que se hia alongando per o muro por dar logar aos que entravam, disselhe: «Manahu!». E elle respondeolhe en aravya e fezeo decer. E, logo que foy ã fundo, cortoulhe a cabeça e deitoua aos de fora. E entom elles poserom outra escaada e subirõ per ambas o mais toste que poderom. E forõ tãtos que se apoderarõ do muro e britarom as portas per que entrarom el rey cõ todos os que cõ elle ficarõ. E desta guisa foy furtada a villa de Sanctarem aos mouros

³⁹.

- 23 Atentando ao modo como as duas conquistas são relatadas, verifica-se, mais uma vez, a coincidência de múltiplos tópicos, nomeadamente: a obtenção de informações prévias sobre a exequibilidade da conquista; o secretismo relativamente aos planos para conquistar a cidade; o uso de escadas; o detalhe de se fornecerem os nomes de quem fez o quê; os vigias que dormem e algum que acorda, com quem é estabelecido um diálogo em árabe; o atirar de corpos ou partes destes para baixo das muralhas; e, finalmente, a entrada na cidade e a vitória sobre os mouros.
- 24 O interessante deste exemplo radica na existência de outro texto, anterior à *Crónica de 1344* e à *Crónica de Castela*, que já relata este episódio. Trata-se do texto latino *Quomodo sit capta Sanctaren ciuitas a rege Alfonso comitis Henrici filius*, conhecido vulgarmente como *De expugnatione Scallabis*⁴⁰. Este texto tem um tom diferente do que encontramos nas crónicas

- para tal basta apresentar-se como uma alocução feita pelo próprio rei, na primeira pessoa. Trata-se ainda de um relato bastante mais longo e há manifestações de fé que estão ausentes do texto da *Crónica de 1344*, mas que já encontramos, se bem que em muito menor grau, no relato da conquista de Córdova.

- 25 À partida, o texto do *De expugnatione* não terá tido grande difusão fora dos muros conventuais que o guardaram. Segundo Lindley Cintra, o *De expugnatione Scalabis* não foi fonte desta passagem da *Crónica de 1344*. Os pontos de contacto entre o relato da Crónica e o texto latino são explicados com base nos acontecimentos históricos e na suposição de um relato perdido sobre a tomada de Santarém ao qual terão sido acrescentados alguns pormenores lendários⁴¹. Aceitando o pressuposto por Cintra, podemos perguntar-nos até que ponto o autor da *Crónica de Castela* não poderia ter tido conhecimento, se não do texto latino, dada a sua parca difusão, talvez de uma narrativa sobre a tomada de Santarém semelhante à usada pelo redator da *Crónica de 1344*... Considerando a miscigenação que durante todo o período medieval se verificou entre as famílias nobres e reinantes da península, graças a múltiplas ligações matrimoniais, com destaque para a circulação de princesas consortes, que iam para as cortes de destino com os respetivos séquitos, não seria impossível que o conhecimento de histórias relacionadas com factos diversos (o que provavelmente incluiria façanhas, vitórias e conquistas) também circulasse por essas várias cortes.
- 26 Assim, mais do que criar um enigma cronológico, parece-nos que este último exemplo poderá ajudar a sublinhar o que procurámos tornar evidente ao longo deste texto: por um lado, a existência de um extenso mas pouco estudado manancial de *topoi* que circulavam e que se encontravam à disposição de quem compunha um relato, fosse ele historiográfico ou não; e, pelo outro lado, a profunda imersão dos textos cronísticos neste «tráfico» literário.

NOTES

1. «Menéndez Pidal, de acordo com a sua hipótese, via, nas *Crónicas de Vinte Reis e de Castela* e na *Terceira Geral*, um resultado de arranjo do fragmento correspondente da *Crónica de 1344*. Mas não deixou de notar que nem tudo era explicável deste modo», como refere Luís Filipe Lindley CINTRA (ed.), *Crónica Geral de Espanha de 1344*, 4 t., Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda/Academia Portuguesa da História, 1951, 1954, 1961 e 1990, 1 («Introdução»), p. cclv. «Não vou aqui estudar a transmissão de uma crónica à outra de todos os outros episódios desse reinado e dos de Henrique I e Fernando III que se lhe seguem imediatamente. Procurarei apenas demonstrar que, naqueles em que Menéndez Pidal pensou ver na *Crónica de Castela* derivações da *Crónica de 1344*, nada se opõe a uma interpretação diversa. As versões da *Crónica de Castela* estão sempre na base das da *Crónica de 1344*. Tudo o que se encontra na primeira se transmite à segunda, a não ser em casos de omissões, explicáveis por arranjo do texto» (*ibid.*, p. cclii).
2. Para além da identificação de múltiplos pontos de convergência, Cintra também constatou diferenças de detalhe e informações novas oriundas de outras fontes (*id.*, *ibid.*, p. ccxlv-ccxlviii). No que se refere a estas fontes «outras», sugere que o compilador da *Crónica de 1344* conheceria poemas épicos anteriores, atualmente perdidos, como as *Mocedades* do Cid, uma refundição do

Cantar de Mio Cid e uma versão do *Cantar de D. Fernando*. Refere ainda o que designa como «outra fonte desconhecida e cuja principal característica era ser favorável aos condes de Lara» (*id.*, *ibid.*, p. cclv), fonte esta que teria estado na base da redação de alguns episódios interpolados pela crónica portuguesa, nomeadamente os apresentados nas p. cclv-cclvii.

3. «Não conhecemos o texto da primeira redacção da *Crónica de 1344* senão até à coroação, casamento e descendência de Afonso VII, ponto em que termina o manuscrito M. De aí por diante temos de guiar-nos pelo texto da segunda redacção. Um e outro nos demonstram que a *Crónica de 1344* continua a ser um derivado da *Crónica de Castela*» (*ibid.*, p. cclii).

4. *Ibid.*, p. cviii-cxii.

5. *Ibid.*, p. cxvi-cxvii.

6. *Ibid.*, p. cxvii-cixx. O estudo destes episódios enquadra-se na argumentação apresentada com vista à identificação do conde Pedro Afonso de Barcelos como autor da *Crónica de 1344*. Lindley Cintra apresenta diversas coincidências textuais entre a *Crónica de 1344* e o *Livro de Linhagens*, entre as quais se encontram estas passagens e episódios, presentes nos dois textos referidos e na *Crónica de Castela*, mas ausentes de outras fontes, como o *Liber Regum* ou o manuscrito régio editado por Menéndez Pidal com o título de *Primera Cronica General*.

7. *Ibid.*, p. ccxlv e seguintes.

8. *Ibid.*, p. cccxviii-cccxxv.

9. *Ibid.*, p. ccxlv.

10. Ramón Lorenzo apresenta estes dois manuscritos: «La *Crónica Gallega*, [...] se halla contenida en dos manuscritos: el 8817 (ant. X-61) de la Biblioteca Nacional de Madrid y el 2497 de la Biblioteca Universitaria de Salamanca (hasta hace unos años II-910 de la Biblioteca del Palacio Real de Madrid, ant. 2-H-3). Este último es más moderno y abarca solamente le primera parte de la *Crónica*» - (Ramón LORENZO (ed.), *La Traducción Gallega de la Cronica General y de la Cronica de Castilla*, 2 t., Orense: Instituto de Estudios Orensanos «Padre Feijoo», 1975, 1, p. ix. O facto de estes manuscritos não terem sido a fonte da crónica portuguesa, é identificado por Cintra: «Verificamos também - e é este facto que quero salientar - que, em vários casos em que A se afasta notavelmente da lição dos outros manuscritos, a *Crónica de 1344* segue a *Tradução galego-portuguesa* na sua variante especial. É este um facto que com mais nenhum dos manuscritos se dá. É certo que há casos em que ele se não observa. Mas eles não diminuem evidentemente o significado daqueles em que a relação directa se manifesta. Indicam apenas que não foi A o códice da *Tradução* que o redactor de 1344 utilizou» (L. F. L. CINTRA, *op. cit.*, 1, p. cccxix).

11. Diego CATALÁN «La 'Crónica Geral de Espanha' del Conde Don Pedro de Barcelos (1344) y los orígenes de la Historiografía Portuguesa», *Ibérica*, 2, 1959, p. 11-101, p. 14-26). Ver ainda, do mesmo autor, «La expansión al occidente de la Península Ibérica del modelo historiográfico Estoria de España - nuevas precisiones», in: *La Estoria de España de Alfonso X-creación y evolución*, Madrid, Fundación Ramón Menéndez Pidal/Universidad Autónoma de Madrid, 1992, cap. VIII, p. 185-196.

12. R. LORENZO, *op. cit.*, 1, p. xx, refere-se ao trabalho de Diego Catalán mencionado na nota anterior, e produz afirmações como a seguinte: «Pero esta variante ampliada nunca existió y la *Crónica de Castilla comienza en el reinado de Fernando I y nada tiene que ver con la primera parte (de Ramiro I a Vermudo III)*. El error de Cintra está, como ya he dicho, en considerar el ms. 8817 (y, por ej., el 1347) como un todo y no como dos códices distintos, unidos posteriormente» (*ibid.*, p. xvii).

13. Na introdução à sua edição da *Crónica de Castela* (ponto 2.2.), Patricia Rochwert-Zuili salienta a ideologia molinista desta crónica e sugere a possibilidade de Maria de Molina ter sido quem encomendou a obra - Patricia ROCHWERT-ZUILI (ed.), *Crónica de Castilla*, Paris, SEMH-Sorbonne-CLEA (EA 4083), 2010. URL: <http://e-spanialivres.revues.org/63> (consultado em agosto de 2016).

14. L. F. L. CINTRA, *op. cit.*, 1, p. cxlviii-cl.

15. Lindley Cintra não deixou de questionar as várias vertentes deste problema, sugerindo algumas respostas, nomeadamente, em que língua teria sido redigida a tradução, o local onde

esta poderá ter tido lugar e quem a poderia ter mandado fazer. No que se refere à língua, apresenta os diferentes pontos de vista de quem abordou o assunto, acabando por concluir «A tradução para a língua do Ocidente da *Crónica Geral de Espanha* - do mesmo modo que a da *General Estoria*, redigida, tal como aparece no códice conservado no Escorial, numa linguagem perfeitamente idêntica à dos manuscritos da *Variante* - foi quase seguramente feita por tradutores galegos que provavelmente trabalhavam dentro das fronteiras do reino de Castela e Leão» (*ibid.*, p. cccxxvii-cccxxviii). No que se refere a quem poderá ter dado a ordem para a tradução, é descartada a hipótese de ter sido D. Dinis (porque, apesar da tradução ter sido contemporânea deste rei, não há qualquer notícia que refira que o soberano tivesse mandado traduzir uma Crónica geral, nem nada no texto apoia esta hipótese), deixando-se em suspenso a possibilidade de se poder ter tratado de uma encomenda de D. Pedro Afonso (*id.*, *ibid.*, p. cccxxix-cccxxx): «De toda a maneira, não podemos deixar de observar que os compiladores do ms. A, que, como dissemos, não é o códice da *Tradução* de que se serviu o redactor de 1344, tiveram na sua frente três das obras que utilizou aquele redactor. Isto parece indicar que, desde o início, a *Tradução da Variante* fez parte de certa colecção de obras históricas de várias origens - precisamente a colecção que deve ter reunido e veio a manejar o autor da *Crónica de 1344*. Espontaneamente surge a pergunta: não teria sido a *Tradução* já feita por ordem desse autor? Recordemos o que ficou dito no capítulo IV: não teria sido o Conde de Barcelos que, durante a sua permanência em Espanha (1317-1322), teria encomendado a um galego a tradução da *Variante da Crónica Geral*? Deixo em suspenso a pergunta como uma simples sugestão que não me é possível fundamentar melhor» (*ibid.*, p. cccxxx). Estas são questões que não voltaram a ser abordadas desde o estudo de Cintra e que mereceriam ser novamente objeto de pesquisas atentas e aprofundadas.

16. Ver José Carlos Ribeiro MIRANDA, «Do *Liber Regum* em Portugal antes de 1340», *e-Spania*, 9, 2010, URL: <https://e-spania.revues.org/19315>. (consultado em setembro de 2016) que considerar que o *Liber Regum*, na versão conhecida em Portugal, o *Livro Velho de Linhagens* e a tradução da *Crónica de Castela* para o galego-português são enquadráveis num mesmo contexto de escrita aristocrática relacionável com a família dos Riba de Vizela. Por seu turno, Maria do Rosário FERREIRA, «As traduções de castelhano para galego-português e as políticas da língua nos séculos XIII-XIV». *e-Spania*, 13, 2012, URL: <https://e-spania.revues.org/21021> (consultado em setembro de 2016), defende a possibilidade de a *Crónica de 1344* ter tido como fonte um original da *Crónica de Castela* em castelhano.

17. Este tipo de abordagem já foi realizado com base em passagens de outros textos. Por exemplo, e no que se refere a textos portugueses, as semelhanças entre algumas passagens da história de D. Afonso Henriques e de Fernão Gonçalves foram abordadas por Elisa Nunes ESTEVES, «Relações entre as lendas de Fernão Gonçalves e Afonso Henriques», in: Juan PAREDES (ed.), *Medioevo y Literatura - Actas del V Congreso de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval*, Granada: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Granada, 2, 1995, p. 229-235; e as semelhanças entre os relatos sobre a morte da judia de Toledo e de Inês de Castro foram exploradas por Maria do Rosário FERREIRA, «Inês de Castro et la juive de Tolède: un cas de réception active chez Fernão Lopes», *e-Spania*, 19, 2014, URL: <http://e-spania.revues.org/23958> (consultado em agosto de 2016). Ver ainda o artigo de Leonardo FUNES, «De Alfonso el Sabio al Canciller Ayala: variaciones del relato histórico», *Memorabilia*, 7, 2003, URL: <http://parnaseo.uv.es/Memorabilia/Memorabilia7/Funes/Funes.htm> (consultado em agosto de 2016), onde este autor também se refere à reescrita de motivos e ao facto da redação de um novo texto frequentemente recorrer a uma relação mimética com relatos previamente conhecidos.

18. Patricia ROCHWERT-ZUILI, ed. cit. (daqui em diante, *Cr.Cast.*), I, cap. 21. Abstemo-nos de citar as passagens correspondentes da *Tradução galega* e das duas redações da *Crónica de 1344*, uma vez que estas reportam a passagem de modo muito similar, o que é expectável, tendo em conta que a *Crónica de Castela* foi a sua fonte. No caso específico do trecho transcrito, os seus equivalentes

constam na p. 338 da *Tradução Galega* (ver R. LORENZO, ed. cit., daqui em diante *Trad.Gall.*); no fol. 208^{ra} da primeira redação da *Crónica de 1344* (Manuscrito 2656 da Biblioteca Universitária de Salamanca, daqui em diante 1344a) e na p. 325 do terceiro volume da edição do texto português da segunda redação da *Crónica de 1344* (L. F. L. CINTRA, ed. cit., t. 2-4 - daqui em diante 1344b).

19. *Cr.Cast.*, I: cap. 22. As passagens equivalentes encontram-se na *Trad.Gall.*, p. 339; na 1344a, fol. 208^{rb}-208^{va}; e na 1344b, 3, p. 326-327.

20. *Cr.Cast.*, I: cap. 22.

21. 1344b, 4, p. 218-219. A passagem não consta nem na *IV Crónica Breve*, nem no *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*. Para estas duas obras foram usadas as seguintes edições: António CRUZ (ed.), *Anais, Crónicas e Memórias avulsas de Santa Cruz de Coimbra*, Porto: Biblioteca Pública Municipal, 1968 (daqui em diante *IVCr.Br.*); e José MATTOSO (ed.), *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, Lisboa: Academia das Ciências, 1980 (daqui em diante *LLCDP*).

22. A passagem a seguir transcrita não consta no *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*.

23. Veja-se a lista de outras fontes sugeridas por L. F. L. CINTRA, *op. cit.*, 1, p. ccxlv-ccxlviii, referida na nota 2.

24. Esta última possibilidade coincide com a proposta avançada por Elisa ESTEVES, art. cit., quando estudou as lendas de Afonso Henriques e Fernán González.

25. Antti AARNE e Stith THOMPSON, *The types of the Folktale. A classification and Bibliography*, (1^a edição 1961), Helsinki: Academia Scientiarum Fennica, 1987, e Hans-Jörg UTHER, *The Types of International Folktales: A Classification and Bibliography. Based on the system of Antti Aarne and Stith Thompson* (1^a edição 2004), Helsinki: Academia Scientiarum Fennica, 2011; Vladimir PROPP, *Morfologia do Conto* (1^a edição em russo 1928), Lisboa: Vega, 2000; e Reidar CHRISTIANSEN, *The Migratory Legends. A Proposed List of Types with a Systematic Catalogue of the Norwegian Variants*, Helsinki: Academia Scientiarum Fennica, 1958.

26. Caso da circulação de *exempla*, «formas simples» que tanto podem ocorrer agrupados em recolhas, como autonomamente, ou ainda integrados em textos de outro tipo. Sobre este assunto ver os artigos de Claude Bremond, Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt no livro coletivo organizado por Jacques BERLIOZ e Marie Anne Polo de BEAULIEU (ed.), *Les Exempla médiévaux: Nouvelles perspectives*, Paris: Champion, 1998.

27. A ideia de que os reinos peninsulares devem ser excluídos do Império (porque os seus soberanos ganharam o direito aos seus territórios por conquista e não por concessão de um Papa ou de um Imperador) foi defendida por vários juristas, nomeadamente por Vicente Hispano. Sobre este assunto, ver, por exemplo, Juan GIL, «A apropriação da ideia de império pelos reinos da Península Ibérica: Castela», *Penélope (O Imaginário do Império)*, 15, 1995, p. 11-30, ou Klaus HERBERS, «Le culte de saint Jacques et le souvenir carolingien chez Lucas de Tuy. Indices d'une conception historiographique (début XIII^e siècle)», in: Patrick HENRIET (dir.), *À la recherche de légitimités chrétiennes. Représentations de l'espace et du temps dans l'Espagne médiévale (IX^e-XIII^e siècle)*, Lyon: ENS/Casa de Velázquez, 2003, p. 149-176. Para uma visão de conjunto sobre as disputas entre o poder espiritual e secular, ver Joseph CANNING, *A History of Medieval Political Thought: 300-1450*, London/New York: Routledge, 1996.

28. Nomeadamente Paul ZUMTHOR, *La poésie et la voix dans la civilisation médiévale*, Paris: PUF, 1984 e *id.*, *La lettre et la voix de la littérature médiévale*, Paris: Seuil, 1987, sem esquecer artigos como *id.*, «Pour une poétique de la voix», *Poétique*, 40, 1979, p. 514-524 ou *id.*, «Le discours de la poésie orale», *Poétique*, 52, 1982, p. 387-401.

29. A este respeito, ver Linda DÉGH, *Legend and Belief*, Bloomington: Indiana University Press, 2001, p. 76-79, que reage contra a ideia de Von Sydow, que define a memória como uma experiência pessoal e, secundando Lauri Honko, defende que os *topoi* da tradição enformam a narrativa de experiências pessoais. No fundo, este fenómeno emparelha-se com noções como as de «horizonte de expectativa», cunhada por Jauss, e de «comunidades interpretativas», de Stanley Fish, que concebem a leitura como algo enquadrado por convenções partilhadas.

30. Ver Amaia ARIZALETA, *Les clerks au palais. Chancellerie et écriture du pouvoir royal (Castille, 1157-1230)*, Paris, SEMH-Sorbonne-CLEA (EA 4083), 2010. URL: <http://e-spanialivres.revues.org/154> (consultado em agosto de 2016). Ver também o artigo María Belén ALMEIDA CABREJAS e Elena TRUJILLO BELSO, «La influencia de los documentos de la cancillería alfonsí en la quinta parte de la "General estoria"», in: Francisco BAUTISTA PÉREZ e Jimena GAMBA CORRADINE (ed.), *Estudios sobre la Edad Media, el Renacimiento y la temprana modernidad*, San Millán de la Cogolla: Cilengua, 2010, p. 25-34.

31. Ver Bernard GUENÉE, «Y a-t-il une historiographie médiévale?», in: *id.*, *Politique et Histoire au Moyen Âge. Recueil d'articles sur l'histoire politique et l'historiographie médiévale (1956-1981)*, Paris: Publications de la Sorbonne, 1981, p. 205-219, p. 209-210. Outro elemento cuja influência terá sido marcante em alguns autores e que, até ao momento, tem sido relativamente pouco estudado, consiste na bibliografia que era usada no ensino e que servia como modelo para a aprendizagem da escrita.

32. *Cr.Cast.*, II, cap. 13. As passagens equivalentes encontram-se na *Trad.Gall.*, p. 365-366; na 1344a, fol. 222r^a-222v^a; e na 1344b, 3, p. 364-365.

33. Sobre os *topoi* que marcam presença em vários relatos que, na cronística ibérica medieval, se reportam a ações de grande fidelidade por parte de alguns vassalos relativamente aos seus suseranos, ver Isabel de Barros DIAS, *Metamorfoses de Babel. A Historiografia Ibérica (sécs. XIII-XIV): Construções e Estratégias Textuais*. Lisboa: FCG/FCT-MCES, 2003, II Parte, ponto 1.5, e *id.* «Modèles de dévotion», *Études Médiévales*, 1 (1), 1999. p. 287-294. Para algumas considerações especificamente sobre os dois episódios concretos aqui em análise, ver José Carlos Ribeiro MIRANDA, «Na Génese da Primeira Crónica Portuguesa». *Medievalista online*, 6, 2009, 35p. (p. 16-18). URL: <http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA6/medievalista-miranda.htm> (consultado em setembro de 2016) e Isabel de Barros DIAS «Los temas del retraso y del desencuentro en la tradición cidiana» in: Alberto MONTANER FRUTOS (Coord.), «Sonando van sus nuevas allent parte del mar», *El Cantar de mio Cid y el mundo de la épica*, Toulouse: CNRS-Université de Toulouse-Le Mirail, 2013, p. 169-187 (p. 183-184)-

34. «E salió vn su omne que auía nonbre Dominguillo del Castillo e vínose para el rey. E díxole que si le feçiese merçed e algo, que él aguisaría cómo le diesse el castillo. E dixo el rey que ge lo faría muy granadamente. E estonçe dixo Dominguillo: // —Señor, dadme vn ome a quien dé vn-a> ferida de que salga sangre, e desde lo feriere, yré fuyendo contra el castillo. E los de la hueste vayan en pos de mí a dando bozes: «¡Prendedlo!», e yo diré que ferý a vno de los mejores omes de la hueste, «e que estonçes sería tornado a su priuança, e que estonçe que él guisaría cómo le diese el castillo». // E el rey dixo que dónde podría él auer omne que se dexasse ferir. E estaua y vn toledano que auíe nonbre Pero Díez, e dixo: // —Señor, por tal que vós cobredes a Zorita, yo quiero esperar vna ferida. // E estonçe Dominguillo feríol' con vn cochillo malo que traýa, de guisa que non moriese nin veniese a peligro. E comenzó de fuyr contra el castillo, e los de la hueste dando bozes en pos él fasta que lo metieron en el castillo. E Lope de Arenas preguntóle cómo venía. E díxole Dominguillo: // —Yo maté vno de los onrrados omnes que estauan fuera fablando con el rey, que lo consejaua vuestro daño. // E d'esto plugo mucho a Lope de Arenas, e desí amólo de allý adelante e púsolo por guarda sobre los otros veladores. // [...] // Dize el cuento que Lope de Arenas, estando vn día afeytando su barua e non estando y otro ome sinon el alfajeme, entró Dominguillo [con] vn venablo en la mano e díxole Lope de Arenas: // —¿Cómo andas Dominguillo, o qué demandas? // E él dixo: // —Señor, cayó esta noche vna vela e non puede ome y estar. E mandadla adobar. // E en deziendo esto, diole tal golpe del venablo que nunca jamás fabló. E salióse del castillo por vn foraco que tenía fecho e vínose para el rey, e dixo: // —Señor, conplido he lo que uos prometí. Mandat entrar en <e>l castillo, que non ay quien uos lo defienda. E sabet que Lope de Arenas nunca más vos deseruirá, ca yo le di tal golpe d'este venablo que luego cayó muerto» (*Cr.Cast.*, VII, cap. 7-8). O episódio também ocorre na *Trad.Gall.*, cap. 488-489, p. 712-713, e em 1344b, 4, cap. 739, p. 279. Porém, a nosso ver, não parece inspirar nenhum relato específico destas obras. A primeira redação da *Crónica de 1344* termina truncada antes deste

episódio. Ainda sobre o episódio de Dominguelho, as crónicas que o integram e modo como a *Crónica de 1344* conta o episódio, ver L. F. LINDLEY CINTRA, *op. cit.*, 1, p. ccliii-ccliv.

35. Debateremos esta questão em maior profundidade em Isabel Barros DIAS, «Literatura e/é vida», *Intermediações: Mundo, Literatura e Arte. Homenagem a Helder Godinho*, Lisboa: FCSH/NOVA (no prelo), partindo de uma curiosa coincidência entre uma passagem existente na *Vida de Teotónio*, primeiro prior do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, uma obra da segunda metade do século XII, e o exemplo do rei com o pregador e o físico, que integra recolhas como as *Flores de filosofia* (séc. XIII) ou os *Bocados de Oro* (na sua versão ampliada, já do séc. XV) e que também aparece no *Libro del caballero Zifar* (de cerca de 1300).

36. *Cr.Cast.*, XI, cap. 2.

37. P. ROCHWERT-ZUILLI, *op. cit.*, p. 21.

38. 1344b, 4, p. 402-404. O manuscrito da primeira redação da *Crónica de 1344* termina truncado antes de este episódio ter lugar.

39. 1344b, 4, p. 230-232.

40. Ms. Alc. 415 da Biblioteca Nacional de Portugal, de finais do séc. XII ou inícios do séc. XIII, estudado, editado e traduzido em: Aires A. NASCIMENTO, «O júbilo da vitória: celebração da tomada de Santarém aos Mouros (a. D. 1147)», in: Rafael ALEMANY, Josep Lluís MARTOS, Josep Miquel MANZANARO (ed.), *Actes del X Congrés Internacional de l'Associació Hispànica de Literatura Medieval* (2003), Alicante: 2005, p. 1217-1232.

41. L. F. LINDLEY CINTRA, *op. cit.*, 1, p. cccxciii: «Os pontos de contacto entre o texto latino e o romance vêm – repito – das bases que ambos, embora muito mais o primeiro do que o segundo, têm nos acontecimentos históricos. Não é possível pensar em influência do *De expugnatione Scalabis* no autor da *Crónica* ou mesmo no do relato da tomada de Santarém que serviu de base ao cronista. São para isso demasiadamente numerosas as discordâncias em pormenores da narração, para não falar na ausência total de concordâncias textuais».

RÉSUMÉS

Dando como adquirido que a *Crónica de Castela* foi fonte da *Crónica de 1344*, o artigo explora outro tipo de influências, nas quais a obra castelhana poderá também ter desempenhado um papel. São apresentados alguns exemplos que estimulam a reflexão sobre a coincidência de vários *topoi* presentes nas duas crónicas e em outros textos historiográficos portugueses. Defende-se que a circulação de modelos narrativos terá sido uma constante, ocorrendo em múltiplas direções, e constituindo um recurso que os redatores das crónicas peninsulares usariam sempre que necessário.

Tenant pour acquis que la *Chronique de Castille* est l'une des sources de la *Chronique de 1344*, l'article examine des influences d'autres types, dans lesquelles l'ouvrage castillan peut aussi avoir joué un rôle. Quelques exemples sont présentés, qui stimulent la réflexion sur la coïncidence entre plusieurs *topoi* décelables dans ces deux chroniques et dans d'autres textes historiographiques portugais. Cet article soutient que la circulation de modèles narratifs a été une constante et qu'il a eu lieu dans de multiples directions, constituant une source dans laquelle les rédacteurs des chroniques péninsulaires n'ont pas hésité à puiser.

INDEX

Mots-clés : sources, influences textuelles, Chronique de Castille, Chronique de 1344, Traduction Galicienne, Livre de Lignages, IVe Chronique Brève, Alphonse Enriques, El Cid, Dominguillo, conquête de Santarém

Palavras-chave : fontes, influências textuais, Crónica de Castela, Crónica de 1344, Tradução Galega, Livro de Linhagens, IV Crónica Breve, D. Afonso Henriques, Dominguelho, conquista de Santarém

AUTEUR

ISABEL DE BARROS DIAS

Universidade Aberta e IELT | IEM (FCSH/NOVA)